

# A qualidade de vida de estudantes que ingressam na universidade na meia-idade

Denise Maria dos Santos Paulinelli Raposo

## Resumo

Os estudos acerca do desenvolvimento humano na idade adulta e no envelhecimento têm instigado o interesse de teóricos do assunto, em virtude do aumento do tempo de vida da população. Constata-se, no campo educacional, entre os anos de 1996 e 2003, um crescimento do número de pessoas que ingressaram na universidade na meia-idade. Com base no interesse em dar continuidade ao estudo sobre a entrada na universidade, o presente artigo tem como objetivo discutir a qualidade de vida de estudantes que ingressam na universidade após os 45 anos de idade; para tanto, foram revisados os estudos de Baltes (1970, 1977, 1990, 1995, 1997, 1999) e Neri (1985, 1991, 1993, 1995, 2002). A metodologia utilizada foi ancorada na abordagem qualitativa. Os resultados revelam que os respondentes antes de ingressarem no ensino superior vivenciaram um período de estabilidade e que, após selecionarem suas metas e otimizarem suas capacidades de reserva, apresentaram melhorias na qualidade de vida. Conclui-se, com base nos argumentos relatados pelos estudantes, que o desenvolvimento deve ser visto sob vários prismas – biológicos, psicológicos, sociais – e num processo de interação.

Palavras-chave: idade adulta; desenvolvimento humano; qualidade de vida.

## Abstract

*The quality of life of students who enter the university in middle age*

*The studies concerning human development in the adult age and aging have instigated the interest of theoreticians, in virtue of the increase of life expectancy of the population. It is evidenced, in the educational field, between 1996 and 2003, a growth of the number of people who had entered the university in middle age. On the basis of the interest in continuing the study on university entrance, the present article aims at arguing the quality of life of students who entered the university after the age of 45; therefore, the studies of Baltes (1970, 1977, 1990, 1995, 1997, 1999) and Neri (1985, 1991, 1993, 1995, 2002) were revised. The used methodology was anchored in the qualitative approach. The results reveal that, before entering superior education, the respondents had deeply lived a period of stability and that, after selecting their goals and optimizing their capacities of reserve, had presented improvements in their life quality. One concluded, on the basis of the students' arguments, that the development must be seen under some conditions biological, psychological, social and in a process of interaction.*

Keywords: adult age; human development; quality of life.

## Introdução

O presente artigo aborda questões relativas ao estudo do desenvolvimento humano na idade adulta, especialmente a partir dos 45 anos. O interesse por esse tema originou-se da convivência diária da autora com estudantes que freqüentam cursos de graduação e que relatam fatos relativos às mudanças que ocorreram em suas vidas após o ingresso no ensino superior.

Nas últimas décadas, as pesquisas sobre o desenvolvimento humano na idade adulta e no envelhecimento tornaram-se cada vez mais relevantes, com o aumento da longevidade da população. O interesse por essa fase do ciclo de vida ocorreu como consequência tanto de aspectos demográficos quanto dos avanços do conhecimento científico que resultaram na possibilidade de oferecer à população uma melhoria na qualidade de vida (Neri, 1995).

As informações demográficas originárias do IBGE (Censo, 2003) justificam uma maior razão para o rápido crescimento no interesse pelo desenvolvimento adulto. Essas informações indicam um estreitamento da base da estrutura etária, que pode ser compreendido pelo acompanhamento da participação dos grupos quinquenais mais jovens.

Em meados da década de 80, os grupos de 0 a 4 e de 5 a 9 anos de idade deixaram de ser os mais numerosos. Em 1995, o grupo de 10 a 14 anos de idade já superava os dois anteriores. Com a continuação desse processo, o grupo de 15 a 19 anos de idade, em 1998 e 1999, já estava no mesmo patamar do anterior e superava os dois primeiros.

O outro extremo da estrutura etária se reflete no lento mas contínuo aumento do número de habitantes na meia-idade e idosos, que cresceu bem acima da média do País, entre 27,9%, para grupos de 40 a 59 anos, e 26,12%, para aqueles com mais de 60 anos. A proporção numérica feminina apresentou uma acentuada superioridade no grupo de 40 a 59 anos, de 29,5%, e a dos homens de 26%. O grupo de pessoas com mais de 60 anos indicou um crescimento de 27,3% entre as mulheres e de 24,5% entre os homens (Censo, 2003), ou seja, se nascem menos pessoas e estas vivem mais, vai aumentando o contingente de idosos.

Com o aumento nos anos de vida, os estudos acerca das necessidades sociais que estão relacionadas ao envelhecimento

populacional e à longevidade, como o cuidado com os idosos, as despesas dos sistemas de saúde, a formação de recursos humanos especializados, atividades ocupacionais e oportunidades educacionais para idosos e pessoas da meia-idade, tornaram-se fundamentais (Neri, 1995). Com relação à educação, os dados apresentados pelo Inep (2005) indicam que as matrículas no ensino de graduação aumentaram de 8,7% em 1996 para 12,8% em 2003, acentuadas nas faixas etárias mais elevadas. Os dados apresentados em estudos realizados sobre o número médio de anos da população de 15 anos ou mais de idade nas grandes regiões, segundo o sexo e grupos de idade, cresceram de 5,6 para 6,8 anos de estudos entre 1996 e 2003, na faixa etária de 40 a 49 anos. Por outro lado, acima de 50 anos, os homens apresentam um aumento de 3,4 para 4,6 anos de estudo. Esses índices indicam que ocorreu um aumento significativo nos anos de estudos de pessoas dessa faixa-etária (Tatau et al., 2005).

Para fundamentar os estudos relativos ao interesse em pessoas que ingressam na universidade na meia-idade, recorreu-se à teoria denominada de *perspectiva de curso de vida* pela Sociologia e de *perspectiva do ciclo de vida* pela Psicologia, expressões correspondentes à designação referida nos estudos brasileiros e utilizadas internacionalmente. Esta abordagem teórica compreende o estudo do desenvolvimento humano enfatizando o biológico e o cultural e abrangendo os aspectos evolucionários e ontogenéticos (Neri, 1995).

Diante de tais evidências, o presente artigo trata, mais especificamente, de um estudo sobre a qualidade de vida de quem ingressa na universidade após 45 anos de idade, enfocando se há mudanças na vida desses estudantes após a freqüência à universidade, como se manifestam e se são configuradas ou não como evento que proporcionou melhoria na qualidade de vida.

## O desenvolvimento humano na idade adulta

Na trajetória das ciências sociais, há um ponto de vista convergente no que se refere às mudanças evolutivas – a teoria evolucionista de Charles Darwin (1872), “cujos princípios de *continuidade da mudança histórica, multidirecionalidade, seletividade, criatividade e progressividade*

da evolução das espécies tiveram uma influência primordial sobre as teorias do desenvolvimento psicológico” (Neri, 1995, p. 17). Por outro lado, a teoria de curso de vida (Baltes, Staudinger, Lindenberger, 1999) considera que o desenvolvimento não se completa em uma determinada fase, mas se estende ao longo da vida. Segundo Honzik (1984), a maior questão levantada sobre o curso de vida se refere à natureza das mudanças que ocupam lugar durante o desenvolvimento e o que determina essas mudanças.

Os estudos sobre o desenvolvimento humano na idade adulta avançaram no século 20, segundo Salthouse (1989), especialmente durante a Primeira Guerra Mundial, quando estudiosos da vida adulta começaram suas investigações com a aplicação de testes de inteligência em um número expressivo de soldados do exército americano. Tais testes causaram enormes controvérsias, uma vez que buscaram classificar o nível de inteligência dos adultos. Os resultados possibilitaram ao exército realizar uma hierarquização entre seus componentes, muitos dos quais foram dispensados por serem considerados com pouca aptidão, outros foram encaminhados a batalhões que exigiam um baixo nível de inteligência e o restante foi enviado para batalhões especiais, onde se submeteriam a treino mais desenvolvido.

Segundo Stevens-Long (1979), a partir da aplicação desses instrumentos de pesquisa em adultos, cresceram rapidamente os estudos de pessoas com 50, 60 e 65 anos. A divulgação desses estudos culminou com o primeiro manual sobre psicologia do envelhecimento, contendo tópicos clássicos sobre a percepção, a aprendizagem, a inteligência e a personalidade (Neri, 1995). As publicações de pesquisas longitudinais e experimentais avançaram, bem como a divulgação de estudos sobre a periodização da vida adulta, por meio de estágios e crises normativas, divididos em ciclos de vida com diferentes blocos de tempo para o estudo de fenômenos diferenciados (Stevens-Long, 1979), identificados nas teorias de Bromley (1974), Levinson (1974), Gould (1972), Neugarten (1974), Erikson (1963), Lowenthal e Chiriboga (1975), Schlossberg (1981), entre outros, descritos por Günther e Günther (1986).

No Brasil, os trabalhos de Neri (1991, 1993, 1995) e de Neri e Wagner (1985) são dedicados ao estudo psicológico do desenvolvimento humano na idade adulta e na velhice com base na perspectiva de curso de vida, iniciado na Europa entre as décadas de 60 e 70 por Baltes e Goulet. Neri (1995, p. 25) entende que “as teorias do desenvolvimento têm uma base comum, e tentar, a partir disso, caracterizá-las quanto à origem é, porém, apenas uma das maneiras de conceituá-las. Elas podem ser analisadas ainda quanto à maneira como consideram a natureza da progressão das mudanças evolutivas”.

Segundo Baltes (1995), os estudos demonstram que durante a vida adulta os indivíduos “continuam a ser desafiados pelas suas próprias expectativas quanto ao futuro, por novas exigências ambientais, pelo desejo de progresso e pela contínua preocupação com o senso de controle, a integração e a produtividade social” (Neri, 1995, p. 12). Contudo, para que o indivíduo mantenha seu bem-estar físico e social e acompanhe as mudanças e exigências da sociedade, faz-se necessário levar em consideração o ambiente em que vive, os valores sociais e individuais, bem como as circunstâncias de sua história de vida. Desse modo, o potencial individual para o desenvolvimento favorecerá uma velhice bem-sucedida, observados os limites da plasticidade de cada um.

Com base nas proposições acima descritas, foi elaborado o modelo de envelhecimento bem-sucedido que enfoca o manejo dinâmico entre ganhos e perdas por meio da interação entre “Seleção, Otimização e Compensação” (Baltes, 1997).

## **SOC: a teoria da Seleção, Otimização e Compensação**

As mudanças no desenvolvimento humano são concebidas por Baltes (1997) de maneira positiva (aperfeiçoamento/otimização) quando o indivíduo tem a capacidade de adaptação na direção de resultados desejáveis (metas), que dependem da aplicação de um conjunto de comportamentos, de realização de metas, de conhecimento cultural, *status* físico, comprometimento com as metas desejadas, práticas e esforço.

Esse modelo de envelhecimento bem-sucedido enfoca o manejo dinâmico entre

ganhos e perdas por meio da interação entre Seleção, Otimização e Compensação (SOC). A SOC consiste numa estrutura biológica e cultural que pode ser aplicada a qualquer teoria do desenvolvimento, por se tratar de um conjunto de concepções que supõem uma interação desses processos em diferenciadas etapas da vida. Essa aplicação, segundo Baltes (1997), está relacionada com os movimentos que direcionam o indivíduo a atingir níveis mais altos de funcionamento (crescimento) e a possibilidade de impedir resultados negativos (manutenção).

A *seleção* está relacionada com o desenvolvimento, que tem um universo específico de metas de desempenho e ocorre dentro de determinadas condições ou limitações, inclusive limites de tempo e recursos. Baltes (1997) acrescenta que a seleção é condicionada às disposições comportamentais que durante a evolução foram selecionadas a partir de um conjunto de potencialidades, como a plasticidade associada à idade e às perdas em potencial. Os elementos referentes ao potencial biológico ou plasticidade associados à idade aumentam a pressão para seleção.

A *otimização*, entendida como um movimento direcionado para o aumento da eficácia e para a busca de níveis mais altos de desempenho, está relacionada com uma concepção tradicional de desenvolvimento. Os elementos relevantes para a tarefa de otimização variam de acordo com as condições de domínio e de desenvolvimento.

A *compensação*, operacionalizada quando um conjunto de recursos não está disponível, ou quando há uma perda direta desses meios, de restrições de tempo ou de energia, tem origens múltiplas e possui formas variadas.

A teoria SOC é sistêmica e funcionalista, não designa conteúdo específico, mecanismos do processo e dos resultados do desenvolvimento, aplicando-se a uma variedade de metas e recursos. Dentro dessa composição, Baltes (1997) resume a SOC caracterizando seus três componentes: a *seleção* envolve direção, metas ou resultados; a *otimização* envolve meios para obter sucessos (resultados desejados); e a *compensação* denota recursos para combater as perdas/declínios.

Com relação aos princípios que governam a dinâmica entre a biologia e a cultura

através do curso de vida (Baltes, 1997), os processos de Seleção, Otimização e Compensação (SOC) estão embasados em:

- a) *Benefícios de seleção evolutiva* – pressupõe que a idade e a plasticidade estão correlacionadas com a diminuição do potencial biológico;
- b) *Necessidade de cultura* – prediz que são requeridos recursos crescentes, baseados na cultura com o aumento da idade (recursos psicológicos, sociais, materiais, econômicos e simbólicos – conhecimento);
- c) *Eficiência da cultura* – sugere que não obstante o aumento da necessidade de cultura, a sua eficiência se torna reduzida devido à perda de plasticidade que ocorre com o aumento da idade.

A Seleção, Otimização e Compensação, fundamentadas nos três princípios básicos citados, exploram os estados incompletos do desenvolvimento humano e suas implicações, entendendo que a maximização de ganhos e a minimização de perdas permitem uma possível equilíbrio do indivíduo, dependendo da natureza do que significa ganho e perda. A teoria SOC considera que este estado pode mudar se levarmos em conta a idade, padrões de comportamento, contextos culturais e históricos, bem-estar funcional e adaptabilidade.

Assim, para Baltes (1997), a SOC tem um caráter de multicausalidade, multidimensionalidade, multidirecionalidade e multifuncionalidade, que ocorrem durante todas as etapas do curso de vida. Partindo do princípio de que, com o aumento da idade, as mudanças no indivíduo envolvem mais perdas do que ganhos, essas experiências desencadeiam uma perda generalizada na capacidade de reserva. Desse modo, a manutenção de níveis elevados de funcionamento em todos os domínios torna-se pouco provável.

Ocorre, entretanto, uma seleção de domínios que favorece o indivíduo na preservação de altos níveis de funcionamento. A partir dessa seleção, procura-se a adequação para que esses níveis alcancem bom desempenho. Durante esse processo ocorrem eventos, tornando necessário que o indivíduo utilize novas estratégias e que potencialize as suas reservas.

## A influência de eventos na idade adulta

Baltes (1997) menciona que os limitadores propiciam perdas e os facilitadores propiciam ganhos no desenvolvimento. Dentro da teoria de curso de vida, eles são evidenciados por influências graduadas por idade, graduadas por história e de caráter não-normativo.

Para Staudinger, Marsiske e Baltes (1995), as *influências graduadas por idade* são normativas por estarem intimamente ligadas à idade cronológica e se apresentam por meio de determinantes biológicos e ambientais. Por outro lado, as *influências ligadas à graduação pela história* estão relacionadas com o tempo histórico, além de abranger os determinantes biológicos e ambientais. As *influências não-normativas*, associadas aos determinantes biológicos e ambientais, favorecem a diferenciação de um indivíduo do outro, visto que a ocorrência de eventos desvincula-se das influências normativas.

Neri (1995, p. 31) considera que “essas três classes de influências (...) interagem, mudam ao longo do tempo e têm efeitos cumulativos que podem ser muito diferentes de pessoa para pessoa”. Carstensen (1995) ressalta que, ao longo do tempo, a aquisição de informação motiva cada vez mais o indivíduo. Embora o autor não nomeie, afirma que existem condições sob as quais a busca de informações aparece em qualquer idade. Assim podemos entender que tanto as influências normativas como as não-normativas são fundamentadas em efeitos independentes e que podem ser, ao mesmo tempo, interativos.

Baltes (1997) menciona que na infância o foco primário é direcionado ao crescimento. Na fase adulta, esse foco é direcionado no sentido da manutenção dos ganhos e da recuperação das perdas (resiliência). Segundo Carter e McGoldrick (1995), a partir do momento que os filhos se tornam independentes, o casal sente-se liberado e começa a busca no sentido de atingir antigos objetivos e/ou a oportunidade de consolidar, expandir e explorar novas possibilidades e papéis. Na velhice, os recursos são despendidos com o intuito de regular e gerenciar as perdas. Contudo, para que a análise seja completa, faz-se necessário considerar as diferenças individuais, funcionais, contextuais e históricas.

Ressalta, ainda, que as variações físicas, motivacionais de recursos sociais e intelectuais, assim como os indicadores utilizados para definir desenvolvimento bem-sucedido, podem interferir na SOC. Costa (1998) assinala dois fatores que contribuem para o bem-estar psicológico do indivíduo: o primeiro se refere ao valor que o indivíduo encontra em desempenhar uma função produtiva; e o segundo trata do valor do trabalho para a sobrevivência do indivíduo, seu papel de dar significado e estrutura à vida adulta e o local para fluir o talento, as habilidades individuais e o conhecimento. Os processos da teoria SOC dependem do contexto sociocultural, recursos individuais, preferências pessoais e podem ser operacionalizados de modos e meios diferenciados.

Com base nos estudos de Baltes (1970, 1977, 1990, 1995, 1997, 1999) e de Neri (1985, 1991, 1993, 1995, 2002), entre outros, serão discutidos os resultados de uma investigação sobre a qualidade de vida de quem ingressa na universidade após 45 anos de idade, enfocando se há mudanças na vida desses estudantes após a frequência à universidade, como se manifestam e se são configuradas ou não como evento que proporcionou melhoria na qualidade de vida.

## Método

Nesta seção abordaremos o processo de investigação acerca da qualidade de vida após os 45 anos de idade em uma instituição de ensino superior de Brasília, DF, que oferece cursos de graduação em Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciência da Computação, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharias Civil, da Computação, Elétrica e Mecatrônica, Farmácia, Letras, Matemática, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Propaganda e Marketing, Psicologia, Secretariado Executivo Bilíngüe, Sistemas de Informações, Ciências Biológicas, Relações Internacionais e Turismo.

Dentro desse contexto, foram identificados, por meio da indicação dos coordenadores dos cursos referidos anteriormente, estudantes com 45 anos ou mais de idade, graduandos matriculados em turmas regulares. Após a elaboração da lista dos participantes que atendiam aos



critérios da investigação, a autora contactou pessoalmente cada um dos 42 (quarenta e dois) selecionados. Destes, 6 (seis) não aceitaram participar do processo de investigação.

Para o processo de coleta de dados elaborou-se um questionário contendo 8 (oito) perguntas relacionadas com os dados demográficos, 4 (quatro) perguntas fechadas e 8 (oito) perguntas abertas relacionadas com o tema estudado. Essas questões foram elaboradas com base nos argumentos de Günther (1996, p. 391), o qual considera que “a estrutura do instrumento assegura que todos os temas de interesse do pesquisador sejam tratados e que se mantenha o interesse do respondente em continuar”. Todavia, entende-se que a realidade em que o fenômeno está inserido é infinitamente mais complexa que o recurso que se tem para abranger todo o processo de levantamento de dados.

Para testar as questões do instrumento foram realizadas 3 (três) entrevistas com participantes com idade inferior a 45 anos, que freqüentam cursos de graduação na Instituição. Foi delimitado anteriormente pela entrevistadora um tempo de 20 minutos para cada entrevista, mantido como média. O limite de tempo foi ultrapassado quando os respondentes optaram por detalhes de cada etapa de suas vidas.

Com base nos resultados da aplicação do instrumento em grupo focal, o instrumento foi adequado e aplicado como questionário para o processo de coleta de dados com os estudantes com idade igual ou superior a 45 anos. Gil (1999, p. 128) define questionário como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

O instrumento de pesquisa foi aplicado aos respondentes pela pesquisadora e por colaboradores (professores) no ambiente universitário nos intervalos de aula, tendo a pesquisadora procurado estabelecer uma relação de confiança com o/a respondente, no intuito de obter informações satisfatórias e de qualidade.

Com base nos resultados dos questionários, iniciou-se o processo de análise de conteúdo, que, segundo Bardin (1977, p. 21), consiste em “um conjunto de técnicas

de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens”.

Para tanto, empregou-se a análise de conteúdo partindo da *pré-análise* do material, por meio da leitura geral de todas as respostas oriundas dos sujeitos ao questionário, composto de perguntas fechadas e abertas. Em seguida iniciou-se a segunda fase do método de análise de conteúdo, a *descrição analítica*, com a codificação, a classificação e a categorização dos dados da pesquisa.

## Resultados e discussão

A discussão dos resultados contidos nesta seção estão fundamentadas no interesse pelo estudo sobre a qualidade de vida de alunos que ingressam na universidade após os 45 anos de idade. Os dados dos participantes, apresentados inicialmente, precedem as discussões que indicam se há mudanças na vida desses estudantes após a freqüência à universidade, como se manifestam e se são configuradas ou não como evento que proporcionou melhoria na qualidade de vida.

Os resultados da caracterização dos respondentes indicam que a população-alvo – 36 (trinta e seis) sujeitos – que participou da pesquisa tem, em média, 50 anos de idade, sendo 27 (vinte e sete) do gênero masculino. Atuam no mercado de trabalho de 20 a 39 anos 29 participantes; como funcionário público, 15; como profissional liberal, 10; em educação, 3; como comerciante, 3; como técnico de saúde, 3; já aposentados, 3. O valor que o indivíduo encontra em desempenhar uma função produtiva e a importância do trabalho para a sua sobrevivência estão relacionados aos fatores que contribuem para o seu bem-estar psicológico (Costa, 1988). Entre os respondentes, 27 (vinte e sete) são casados, e o número de filhos por casal é de 1 a 4. Constata-se, por meio dos dados, que 15 (quinze) universitários são procedentes da Região Nordeste, 9 (nove) da Centro-Oeste, 8 (oito) da Sudeste, 2 (dois) da Norte e 2 (dois) da Sul. Os dados diferenciam os estudantes que residem no Plano Piloto (12) daqueles oriundos das cidades-satélites (20) e das cidades

situadas no Estado de Goiás (4), próximas ao Distrito Federal.

Esses dados indicam que mais de 50% dos estudantes residem em cidades-satélites de Brasília. No caso desses estudantes, a distância entre a residência e o trabalho não os impediu de freqüentar a universidade e concluir um curso superior. Carstensen (1995) afirma que, ao longo do tempo, a aquisição de informação motiva cada vez mais o indivíduo, especialmente em torno de 50 anos, média de idade dos estudantes investigados. Tal fato é relevante, considerando que os eventos não-normativos “não têm caráter universal, nem sua ocorrência é previsível em matéria de época ou seqüência, para indivíduos ou para grupos” (Neri, 1995, p. 30). Entre os estudantes, a maioria (27) é composta por pessoas casadas. Para Carter e McGoldrick (1995), um dos fatores que contribuem para que pessoas retornem aos estudos com 45 anos ou mais de idade está relacionado com a independência dos filhos, e, com isso, surge a busca no sentido de atingir antigos objetivos e/ou a oportunidade de consolidar, expandir e explorar novas possibilidades e papéis.

## A universidade: um espaço de mudanças?

O tempo que os estudantes ficaram sem estudar, a motivação e os obstáculos que os impediam de retornar aos estudos e as expectativas que tinham ao ingressar na universidade também foram identificados na investigação. Cada resultado relativo a essas questões nos permite perceber se há mudanças na vida dos estudantes com 45 anos ou mais de idade após a freqüência à universidade. Considerando os estudos sobre o desenvolvimento humano na idade adulta, especialmente aqueles embasados na perspectiva do ciclo de vida, Baltes, Staudinger e Lindenberger (1999) entendem que o desenvolvimento não se completa em uma determinada fase, mas se estende ao longo da vida.

Com base nessa perspectiva, identificou-se nos resultados que os respondentes permaneceram entre 2 e 39 anos sem estudar, ocorrendo a maior incidência entre 10 e 19 anos, identificada em 11 relatos. Esses estudantes selecionaram suas metas dentro de determinadas condições ou limitações, inclusive de tempo e recursos

(Baltes, 1997), e ingressaram na universidade. As razões do retorno aos estudos foram as mais variadas. A *realização pessoal* foi um aspecto identificado nos relatos de 34 estudantes, acompanhado de *adquirir conhecimento* (32), *objetivo de vida* (31), *atualização* (28), *permanência no mercado de trabalho* (27), *oportunidade de vida* (26), *disponibilidade de tempo* (12), entre outros. Esses resultados indicam que em adultos mais velhos as referências do passado influenciaram suas decisões futuras (Staudinger, Marsiske, Baltes, 1995).

No que tange aos motivos que os impediam de retornar aos estudos, os resultados apontam os aspectos *financeiros* (33) como um dos obstáculos mais destacados pelos respondentes. A escassa condição econômica é uma das causas da falta de autonomia em pessoas adultas. A autonomia possibilita a uma pessoa ser independente e autodeterminada, capaz de resistir a pressões sociais para pensar e agir de determinada maneira (Baltes, Silverberg, 1995). Além da falta de *recursos financeiros*, foram informados obstáculos *pessoais* (28), *familiares* (27), *profissionais* (18), *sociais* (8) e *físicos* (1). Constata-se que as variações físicas, motivacionais de recursos sociais e intelectuais, assim como dos indicadores utilizados para definir desenvolvimento bem-sucedido, podem interferir na SOC (Baltes, Baltes, 1990).

Com a superação dos obstáculos, os respondentes ingressaram na universidade; relataram como a principal expectativa a *realização de objetivo de vida* (28), seguida de *adquirir conhecimento* (22) e *melhorar na profissão* (18), entre outras. Constata-se que houve um compromisso para com as metas de vida entre os respondentes. Esses resultados confirmam as três funções gerais ou resultados de desenvolvimento que sugerem uma mudança sistemática no curso de vida: a) a função de crescimento; b) a função de manutenção, incluindo recuperação e resiliência; e c) a função de regulação das perdas, aplicada aos estudantes.

Quando questionados sobre como o estudante se via antes de retornar aos estudos, constatou-se nos resultados que os respondentes, em sua maioria, se percebiam *sem expectativa de vida* (23), *com falta de direcionamento de vida* (22) e *desatualizados* (18), entre outros aspectos. Esses resultados indicam que vivenciavam um período de estabilidade,

conforme estudos realizados sobre o desenvolvimento adulto, na década de 70, descritos por Stevens-Long (1979). Considerando que o ingresso no ensino superior se configura, por si só, uma mudança na vida de uma pessoa, o retorno aos estudos, relacionado com a seleção das prioridades de vida, evidencia um novo espaço para a realização pessoal e a aquisição de conhecimentos.

Baltes (1997) defende que, com o aumento da idade, as mudanças no indivíduo que envolvem mais perdas do que ganhos e a manutenção de níveis elevados de funcionamento em todos os domínios tornam-se pouco prováveis. Ocorre, entretanto, uma seleção de domínios que favorece o indivíduo na preservação de altos níveis de funcionamento. A partir da seleção, procura-se a adequação para que esses níveis alcancem bom desempenho. Durante esse processo, é necessário que o indivíduo utilize novas estratégias e que potencialize reservas.

Dentro dessa perspectiva, a *atualização de conhecimentos* relatada por 32 estudantes sobre como se vê ao retornar aos estudos, seguida de *melhoria na qualidade de vida* (18), *melhoria no relacionamento com a família* (15), *integração na sociedade* (15), *motivado* (10), *melhoria na comunicação* (8), *clareza nas idéias* (4), *rejuvenescido* (3), *mais responsável* (3), *melhoria na auto-estima* (2) e *realizado* (1), aponta para um aspecto determinante para que esses estudantes tenham atingido os mais altos níveis de funcionamento (crescimento). Baltes e Baltes (1990) afirmam que o desenvolvimento assume diferenciadas formas e direção e varia de acordo com as condições e experiências de vida. Nesse sentido, a percepção de si após decidirem ingressar na universidade relatada pelos estudantes investigados, selecionando suas metas de desempenho e procurando ir além das condições, impedimentos, limites de tempo e recursos, é considerada relevante para a identificação das mudanças na qualidade de vida.

A psicologia do curso de vida leva a entender que o indivíduo e o ambiente social são mutuamente influentes e se mantêm em constante interação dinâmica. Assim, “o desenvolvimento é visto como um processo contínuo de adaptação que dura por toda a vida, relacionada com processos internos em interação com as atividades externas e os processos

sociohistóricos” (Neri, 1995, p. 24). Esses argumentos são confirmados nos relatos de 15 respondentes quando mencionam que a *troca de experiência* é um aspecto positivo a partir da relação com os colegas da universidade, os quais contribuem para o desenvolvimento pessoal. Segundo Carstensen (1995), na meia-idade, o indivíduo tende a buscar informações por meio da interação com pessoas que possuem conhecimentos mais especializados. Entretanto, os dados apontam para uma percepção de estabilidade dos estudantes quanto às mudanças que ocorreram a partir da relação com os colegas, visto terem mencionado que não houve *nenhuma mudança* (21). Carstensen (1995) ressalta que, ao longo do tempo, a aquisição de informações motiva cada vez menos o contato social.

Esses resultados, aparentemente dicotômicos, são sustentados na relação originada na busca de informações a partir da interação com pessoas mais especializadas e não necessariamente com todas as pessoas com as quais os estudantes se relacionam, aqui denominados colegas (Carstensen, 1995). Apesar desses resultados, identificaram-se na análise melhorias na vida dos respondentes após o ingresso na universidade. Destaca-se o *aspecto pessoal* (26), seguido do *familiar* (18), do *trabalho* (12), *social* (12), *financeiro* (3) e *nenhuma* (3).

O aspecto *familiar*, identificado nos resultados relacionados com a melhoria de vida, pode ser considerado como positivo, uma vez que, na meia-idade, o casal pode começar a usufruir de vantagens financeiras, tendo assim a possibilidade de atingir antigos objetivos e de explorar novas áreas. Essa fase também é vista em “algumas famílias [...] como um momento de fruição e conclusão, e como uma segunda oportunidade de consolidar ou expandir, explorando novas possibilidades e novos papéis” (Carter, Mcgoldrick, 1995, p. 21).

A respeito da melhoria de vida no trabalho, os argumentos de Costa (1998), ao assinalar dois fatores que contribuem para o bem-estar psicológico do indivíduo, o de desempenhar uma função produtiva e o do valor do trabalho para a sobrevivência do indivíduo, contribuem para o entendimento de que, com a entrada na universidade, há viabilidade de os estudantes aplicarem no trabalho o conhecimento adquirido ao longo do curso. Nesse sentido, Hiestand (1971) enfatiza as



quatro mudanças individuais decorrentes do trabalho: a) ocupar uma posição diferente; b) obter uma profissão autônoma; c) ingressar em trabalhos emergentes; e d) trabalhar em diferentes profissões.

Dentro desse contexto, a otimização dos recursos pertinentes aos objetivos, relacionada com uma concepção tradicional de desenvolvimento, direcionou os estudantes ao aumento da eficácia e à busca de níveis mais altos de desempenho. Desse modo, a compensação foi operacionalizada como forma de combater perdas/declínios por meio da seleção de metas. Com base nas mudanças identificadas na análise dos resultados da pesquisa relativas à compensação das perdas, os estudantes que selecionaram as metas de vida e as otimizaram com o objetivo de realização pessoal mencionaram que, para a manutenção na universidade, necessitam de “muita força de vontade para realizar um sonho” e que pretendem “ajudar os carentes de uma sociedade marginalizada”.

Dentro dessa proposta de vida, constata-se, nos resultados, que os estudantes pesquisados esperam do futuro um *mundo melhor* (12), vindo em seguida *formação continuada* (9) e *transmitir conhecimentos* (8). Neri (1995, p. 38) menciona que:

*Envelhecer bem* depende das chances do indivíduo quanto a usufruir de condições adequadas de educação, urbanização, habitação, saúde e trabalho durante todo seu curso de vida. Esses são elementos cruciais à determinação da saúde (a real e a percebida) e da longevidade; da atividade, da produtividade e da satisfação; da eficácia cognitiva e da competência social. Da capacidade de manter papéis familiares e uma rede de relações informais; das capacidades de auto-regulação da personalidade; do nível de motivação individual para a busca de informação e para a interação social, dentre outros indicadores comumente apontados pela literatura como associados a uma *velhice bem-sucedida*. Essa adequação é evidentemente relativa às estruturas e aos valores vigentes na sociedade, mas é de se esperar que num sistema social estável, que valoriza o ser humano para além de critérios de produtividade econômica, as pessoas tenham condições mais favoráveis para uma velhice satisfatória.

A autora resume o envelhecimento bem-sucedido considerando um conjunto de elementos, tais como: a situação econômica, que

fundamenta a boa saúde física e a educação durante o curso de vida; a potencialização do desenvolvimento e a adaptação social do ser humano com vista à qualidade de vida; e a adequação individual e social às questões da velhice. A partir dessas proposições, a seleção de metas, os objetivos otimizados e as mudanças que ocorreram com os estudantes após o ingresso na universidade indicam uma melhoria na qualidade de vida, visto que o manejo dinâmico entre ganhos e perdas, otimização das habilidades, capacidade de reserva e o desenvolvimento do potencial dentro dos limites da plasticidade individual foram positivos, considerando o processo contínuo de adaptação.

## Considerações finais

Na investigação sobre a existência de melhorias na qualidade de vida em 36 estudantes que ingressaram na universidade com 45 anos ou mais de idade, foi possível constatar aspectos que contribuem para o desenvolvimento humano no período da idade adulta. Nessa perspectiva, o indivíduo projeta uma meta (nessa etapa sua seleção poderá ser eletiva ou baseada em perdas), viabiliza essa meta otimizando-a (recursos pertinentes aos objetivos), numa tentativa de compensar as perdas (declínios) em que se definem mudanças em sua vida (Baltes, 1997).

De um universo de 36 (27 M e 9 F) entrevistados com média de 50 anos de idade, caracterizou-se o seguinte quadro: o maior índice de frequência apontado pelos respondentes relacionado com o motivo de ingresso na universidade foi a realização pessoal, fundamentada nos obstáculos que os impediam de retornar às atividades intelectuais. Entre os relatos, os aspectos identificados são relativos a problemas financeiros; em segundo lugar, aos obstáculos pessoais, seguidos dos familiares, profissionais, sociais e físicos.

As questões direcionadas para a visão pessoal do respondente antes e após o ingresso no ensino superior suscitaram respostas negativas, tais como *sem expectativa*, *falta de direcionamento de vida*, *desatualizado*, *sem conhecimentos*, *inútil*, *ocioso*, entre outros, contrapondo as positivas *atualizado*, *melhoria na qualidade de vida*, *melhoria no relacionamento com a família*, *integrado na sociedade*, *motivado*, *melhoria na comunicação*, entre

outros aspectos. Esses dados contribuíram para identificar o que permaneceu constante e as mudanças ocorridas no curso de vida dos entrevistados.

As mudanças pessoais estabelecidas a partir da relação com os colegas da universidade não foram identificadas nos relatos dos respondentes. Os resultados apontaram aspectos de estabilidade, visto que 21 dos pesquisados mencionaram que não ocorreu nenhuma mudança. Esse fato retoma estudos realizados por McFarlane, que, em 1930, realizou uma análise longitudinal com sujeitos entrevistados por psicólogos clínicos sobre suas vidas pessoais e sociais, aos 17 ou 18 anos, aos 30, aos 40 e aos 50 anos, os quais indicam que, em geral, as taxas de interação com amigos íntimos e ocasionais diminuem desde o início da idade adulta e na meia-idade (Carstensen, 1995).

Considerando os resultados até aqui apresentados, as melhorias na vida dos respondentes após o ingresso na universidade projetam-se positivamente, uma vez que as informações apontam para uma velhice bem-sucedida à proporção que os indivíduos entre 45 e 59 anos não estão mais limitados a esperar o final da vida. As melhorias pessoais, com os familiares, no trabalho, no aspecto social e financeiro favorecem uma visão positiva do futuro.

A partir dessas considerações, a visão do envelhecimento não estará centrada somente numa evolução teórica e conceitual, mas também espelhada numa cultura positiva que nasce, possibilitando o despertar de um sentimento de esperança de um mundo melhor, de continuar os estudos, de transmitir os conhecimentos adquiridos, da diminuição das diferenças existentes na sociedade e da melhoria financeira, identificado nos relatos dos estudantes.

Em suma, o desenvolvimento, como já foi ressaltado anteriormente, é um evento multideterminado e multifacetado, o que implica estudá-lo integrando aspectos da biologia, da antropologia, da sociologia e da psicologia. Considerando que a Psicologia do Desenvolvimento é uma área do conhecimento que estuda o ser humano e seu desenvolvimento em todos os aspectos, desde o nascimento até a morte, pode-se concluir, com base nos argumentos relatados, que esse desenvolvimento deve ser visto sob vários prismas: biológicos, psicológicos, sociais, num processo de interação.

Nessa perspectiva, entende-se que este estudo trouxe contribuições sobre a qualidade de vida após o ingresso na universidade a partir de 45 anos. Demonstra que a educação contribui de forma efetiva para o bem-estar do indivíduo nos aspectos pessoais, da família e do trabalho.

## Referências bibliográficas

BALTES, M.; SILVERGERG, S. A dinâmica dependência – autonomia no curso de vida. In: NERI, A. L. (Org.). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 73-110.

BALTES, P. B. On the incomplete architecture of human ontogeny: selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American Psychologist*, v. 52, p. 366-380, 1997.

BALTES, P. B.; BALTES, M. M. Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P. B.; BALTES, M. M. (Org.). *Successful aging*. Perspectives from behavioral sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BALTES, P. B.; GOULET, L. R. Status and issues on life-span developmental psychology. In: GOULET, L. R.; BALTES, P. B. (Org.). *Life-span developmental psychology: research and theory*. Nova York: Academic Press, 1970. p. 4-21.

BALTES, P. B.; REESE, H. W.; NESSELROADE, R. J. *Life-span developmental psychology: introduction to research methods*. California: Brooks/Cole Publishing Company, 1977.

BALTES, P. B.; STAUDINGER, U. M.; LINDENBERGER, U. Lifespan psychology: theory and application to intellectual functioning. *Annual Review of Psychology*, v. 50, p. 471-507, 1999.

- BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. Paris: Press Universitaires de France, 1977.
- CARSTENSEN, L. L. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de selevidade socioemocional. In: NERI, A. L. (Org.). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- COSTA, B. L. de S. *Bem-estar e realocação: um estudo exploratório entre funcionários de uma instituição financeira*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1998.
- DARWIN, C. *The expression of the emotions in man and animals*. Londres: Murray, 1872.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GÜNTHER, H. Desenvolvimento de instrumentos para levantamento de dados (Survey). In: PASQUALI, L. (Org.). *Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento*. Brasília: Inep, 1996. p. 387-403.
- GÜNTHER, H.; GÜNTHER, I. de A. Desenvolvimento adulto entre estudantes brasileiros nos EUA: em busca de um modelo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, p. 84-105, 1986.
- HIESTAND, D. C. *Changing careers after thirty-five*. New York: Columbia University Press, 1971.
- HONZIC, M. P. Life-span development. *Annual Review of Psychology*, v. 35, p. 309-31, 1984.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). *Censo da Educação Superior 2003*. Brasília: Inep, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 1999*. Brasília, [200?].
- LEVINSON, D. J. et al. Periods in the adult development of men: ages 18 to 45. In: SCHLOSSBERG, N. K.; ENTINE, A. D. (Org.). *Counseling adults*. Monterey, CA: Brooks/Cole, 1977.
- NERI, A. L. Bienestar subjetivo en la vida adulta y en la vejez: hacia una Psicología Positiva en América Latina. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v. 34, n. 1-2, p. 55-74, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.
- \_\_\_\_\_. Older Worker. *Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995. p. 13-40.
- \_\_\_\_\_. Qualidade de vida no adulto maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, A. L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus, 1993. p. 9-55.
- NERI, A. L.; WAGNER, E. C. de A. M. M. Opinião de pessoas de diferentes faixas etárias sobre a velhice: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, v. 2, p. 81-104, 1985.

STEVENS-LONG, J. *Adult life: developmental processes*. Los Angeles: Mayfield Publishing Company, 1979.

TATAU, Godinho et al. *Trajetória da mulher na educação brasileira*. Brasília: Inep, 2006.

---

Denise Maria dos Santos Paulinelli Raposo, mestre em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília (UCB), é professora universitária e consultora da Unesco/Secad/MEC.

Recebido em 25 de janeiro de 2006.

Aprovado em 20 julho de 2006.